

ELA PERDEU O SINAL, MAS ACHOU O MUNDO

Era uma manhã ensolarada, o que com certeza Dora não percebeu, porque, como sempre, assim que acordou a primeira coisa que fez foi pegar o seu celular. Ela come mexendo no celular (quando lembra de comer), vai para a escola ouvindo música e ri na sala de aula enquanto manda mensagens secretamente para seus amigos virtuais.

Quando chega em casa, sua mãe, como sempre, passa Fisiocrem em suas costas devido às dores constantes que a garota sente, por causa da quantidade de tempo que passa sobre o celular. Ela não dorme direito e não tem amigos além dos virtuais, não por falta de opção. Quase todos os dias sua vizinha Elisa passa em sua casa para chamá-la para passear e brincar com os outros vizinhos no parque, mas ela sempre recusa para assistir a vídeos ou jogar jogos online.

Em certo dia, sua avó, uma senhora de 73 anos que, apesar de ter cara de brava, é extremamente gentil, foi fazer uma visita à sua casa. No começo, Dora não deu a mínima, estava ocupada demais assistindo à live de lançamento da marca de sua influenciadora favorita, sentada ao lado da tomada, quando de repente tudo ficou escuro. A energia havia caído e, óbvio, o carregador não estava conectado corretamente ao seu celular. Em 2 minutos, ela tinha certeza de que a bateria acabaria. Frustrada e irritada, foi até a sala no escuro.

Na sala, sua mãe e sua avó conversavam calmamente sob a luz de uma vela. A garota se juntou a elas e ficou lá ouvindo as histórias de sua avó sobre sua infância, de como vivia bem sem tecnologia. Contou como se sentiu quando comprou seu primeiro celular. Dora achava uma grande besteira, viver sem seu celular parecia impossível.

Quando a luz voltou, sua mãe pediu que fosse dormir. Depois de muito tempo se revirando na cama, a jovem finalmente pegou no sono. Quando acordou de manhã, foi direto atrás do seu celular. Virou-se rapidamente em direção à tomada, mas o seu celular não estava lá. Seus dedos, movidos pelo

vício, deslizaram na madeira áspera da mesa de cabeceira ainda no escuro, encontrando apenas um copo d'água e um lenço. Quando não achou, ligou o abajur e seu mundo desmoronou. O quarto era estranho, com papel de parede florido e um ventilador de teto silencioso. Um silêncio profundo e pesado, quebrado apenas por pássaros lá fora. O pânico foi instantâneo. Onde estava seu Instagram? Suas mensagens? Seu TikTok? Ela correu para a janela e viu carros antigos e crianças brincando na rua de terra. Ela não estava mais em 2025.

Desnorteada, saiu para a rua sentindo o vazio no bolso da calça. Foi quando uma menina com tranças perfeitas e um vestido florido impecável apareceu. "Oi! Você é a nova vizinha? Tudo bem? Você parece assustada", disse a garota, com um sorriso que estranhamente lembrava o da sua própria avó nas fotos antigas. Era mesmo ela, com doze anos de idade. Sem saber para onde ir, Dora apenas seguiu. Lourdes, com uma energia contagiante, decidiu apresentar a nova vizinha aos amigos do bairro. O primeiro desafio de Dora foi imediato: como se localizar? Sem GPS, ela se perdeu duas vezes na própria rua, tendo que confiar na memória de sua avó para cada esquina.

O parque foi chocante. Crianças gritavam, subiam em árvores enormes e jogavam bola. O tédio, que para Dora era sempre resolvido com um jogo online, aqui era resolvido com muito movimento. Lourdes, sua avó, a desafiou para uma corrida, mostrou como encontrar o melhor galho para balançar e propôs uma missão, coletar quatro tipos diferentes de flores. Dora, no começo, ficou com a mão coçando, querendo fotografar cada descoberta para depois postar. Mas não podia. Aos poucos, a necessidade de registrar deu lugar ao prazer de simplesmente viver. Ela riu de verdade, transpirou, sentiu a grama sob os pés.

A diversão foi tão intensa que a noite caiu sem que elas percebessem. O céu mudou de azul para um roxo profundo e o pânico voltou. "Minha mãe vai ficar louca! Preciso avisar que estou atrasada!", gritou Dora, e seu reflexo foi puxar o celular do bolso. Nada. Lourdes, desesperada, sugeriu o orelhão na praça. A caminhada até lá, no escuro, foi outro susto. Sem lanterna no celular, elas dependiam dos poucos postes de luz. Chegando ao orelhão, o desastre, nenhuma das duas tinha a ficha necessária. "Precisamos de um trocado!", disse Lourdes. Sem carteira digital, sem PIX, Dora estava sem alternativas. Tiveram

que correr de volta até uma vendinha, explicar a situação para o dono e, com a ficha finalmente em mãos, descobriram que a única opção era ligar para um número fixo. Assim que chegaram ao orelhão, Lourdes se deu conta de que não lembrava o número do telefone de sua casa, Dora também notou que não sabia o contato de sua mãe, tão acostumada a já tê-lo salvo em seu celular.

Desesperadas, a solução final foi a mais simples, mas não a mais fácil, correr para casa o mais rápido possível. Elas correram como loucas, com o coração batendo na garganta, tropeçando na escuridão, guiadas apenas pela memória de Lourdes. A ansiedade de Dora era aguda, sem Uber para chamar, sem mapa para traçar uma rota mais curta, sem como avisar que estava a caminho. Eram apenas seus pés, a amiga ao seu lado e a esperança.

Ofegantes e suadas, finalmente chegaram a suas portas. A bronca foi inevitável, mas vista com alívio. Naquela noite, exausta e feliz, Dora se deitou. O vazio no bolso ainda era estranho, mas a cabeça, pela primeira vez em anos, não estava barulhenta. Estava cheia. Cheia do cheiro de grama, do som da risada de Lourdes, da imagem das estrelas que ela não via há anos.

Quando a garota acordou de manhã, estava de volta em seu quarto. Seu reflexo a mandou direto para seu telefone, mas no segundo em que ia encostar no aparelho, sua campainha tocou. Correu para a porta da frente e deu de cara com sua vizinha Elisa: “Bom dia, Dora. Você quer ir ao parque hoje?”. E pela primeira vez Dora aceitou, pois percebeu que era muito mais divertido viver e sair. Mas claro, levou seu celular no bolso, não para usá-lo, mas, sim, caso tivesse uma emergência, porque seu aparelho não era inútil, ele era, sim, muito útil, mas no tempo certo e do modo certo.